

Programa fiscal é bem aceito pelos argentinos

Especialistas divergem sobre efeitos para a economia local

Buenos Aires - O ministro argentino da Economia, Roque Fernández, além de alguns especialistas, concorda com o ajuste fiscal divulgado ontem pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Todavia, não existe consenso entre os círculos econômicos argentinos quanto aos efeitos que o pacote terá sobre o comércio com a Argentina, principal cliente comercial brasileiro no âmbito do Mercosul. Fernández apoiou a iniciativa do ajuste fiscal, mas não quis comentar os efeitos que pode ter sobre os mercados.

Para o ex-secretário da Indústria, Roberto Lavagna, o plano brasileiro objetiva gerar confiança para que o Brasil "possa renovar uma dívida de US\$ 300 bilhões". Lavagna disse que só a reação dos mercados poderá mostrar o grau de confiança mas que "já é um bom caminho". Arnaldo Bocco, principal economista da Frepaso, frente de centro-esquerda, disse que o nível de corte nos gastos públicos anunciado pelo ministro da Fazenda, Pedro

Malan, "é considerável".

Bocco, também diretor do estatal Banco Ciudad de Buenos Aires, disse que o pacote fiscal é muito positivo já que é acompanhado de um aumento na pressão fiscal. "As medidas atingirão o nível de crescimento do país no ano que vem, que ficará no máximo em 0,5%." Tanto o ministro Roque Fernández quanto os especialistas têm discordância acerca do efeito que as medidas brasileiras terão sobre as exportações argentinas, para onde Buenos Aires destina 30% de suas vendas externas.

Para Fernández, as medidas não surtirão efeito sobre as exportações argentinas. "A ação do governo brasileiro mostrará a saída da recessão e do estancamento". Bocco discorda porque acredita que o Brasil terá um crescimento econômico menor em 1999. Lavagna concorda com Bocco e defende que no ano que vem o Brasil tentará comprar menos e vender mais. O governo uruguaio prevê uma queda no comércio bilateral com o Brasil, seu principal cliente, por causa das medidas para sanear a economia. "A curto prazo o pacote de medidas significa uma contração da demanda, significa que os brasileiros vão comprar menos em 99 que neste

ano", disse o ministro da Indústria do Uruguai, Julio Herrera. "A médio prazo as medidas serão muito boas", acrescentou.

O ministro Herrera disse também que o comércio entre Brasil e Uruguai, no período janeiro a setembro deste ano, cresceu em relação a 1997 e não foi afetado pela crise financeira que atingiu os principais mercados financeiros em agosto. O comércio bilateral, de US\$ 800 milhões, foi superavitário em US\$ 133 milhões para os uruguaios. As vendas do país ao Brasil cresceram 10% no período em relação ao ano passado.

O governo mexicano elogiou o Brasil e pediu mais aceleração na liberalização do comércio para enfrentar a atual turbulência financeira mundial. O presidente Ernesto Zedillo disse que o Brasil "está atuando com grande valor e firmeza e adotando as medidas necessárias para enfrentar os caminhos". Zedillo disse ainda que as medidas aplicadas pelo Brasil se inserem em uma série de outras tomadas por vários países para superar os riscos de uma recessão econômica global. As declarações de Zedillo foram feitas no VIII Congresso do Comércio Varejista das Américas no qual participam delegações de países do continente.